

"ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DA IGREJA DE ALENQUER".

* *João Santos.*

A igreja de Alenquer tem seus fundamentos na missão que os frades franciscanos conhecidos por “capuchos da piedade”, estabeleceram entre os índios Barés, um pouco acima onde está localizada a cidade, conhecida como aldeia de Surubiú ou Surubijú.

Os capuchos da Piedade chegaram a Amazônia em novembro de 1693 e receberam como campo para suas atividades, parte do norte do rio Amazonas, “do Xingu até o Trombetas”. Era uma região ainda não de toda atingida pelos jesuítas, e a aldeia de Surubiú foi uma das raras localidades que fugiram a ação dos jesuítas.

Pode-se estabelecer o ano de 1694 para o trabalho inicial dos franciscanos em Surubiú, destacando-se nessa empresa Frei Francisco de Villar.

O processo adotado quer pelos jesuítas como pelos franciscanos, obedecia aos critérios de “aldeamento dos índios”. Iam buscar os índios nas malocas e os condicionavam em uma “missão” onde o missionário dispunha do poder espiritual e temporal.

Ainda não se procedeu a uma pesquisa que revelasse algo sobre a vivência missionária da aldeia de Surubiú. Infelizmente, os franciscanos, não tiveram cronistas eméritos como Betendort, que narrou os tempos primordiais da aldeia do Tapajós. Uma das raras certezas históricas desse tempo é que a igreja primitiva da aldeia de Surubiú foi dedicada a Santo Antonio de Lisboa.

Com a expulsão dos religiosos da Amazônia, em 1759, as missões foram elevadas a condição de vila e canonicamente transformadas em paróquias. Coube ao bispo Dom Frei Miguel de Bulhões dar o título de paróquia de Santo Antonio de Lisboa, a matriz de vila de Alenquer.

A primeira visita pastoral realizada na paróquia foi feita pelo bispo Dom Frei João de São José e Queiroz, em data de 13 a 17 de fevereiro de 1762, e desta visita deixou a seguinte informação:

“... chegamos pelas seis e meia à povoação, onde achamos a igreja assejada e muitas boas casas, que foram dos padres da Piedade, no tempo de sua administração. A gente é dócil e sem resabios perceptíveis do gentilismo, confessando-se e comungando com piedade e ordem.

Têm esta vila grande e alegre Campinas, e péssimas águas, razão por que mandam buscar ao Amazonas. Tem abundancia de gado, aves, peixes e frutas...

Não são destituídos os índios de habilidade para manufatura, pois vemos coisas bem galantes, como condecinhas, a que chamam pacarazes, cabeceiras de plumas de várias cores, chapéus de palha ou folhas tecidas, e outros cordões de algodão.

Fazem tintas finíssimas de várias plantas, como o azul da planta do anil, roxa de capiranga, vermelho do urucuzeiro e de outras plantas mais...”.

A saída dos religiosos deixou a paróquia sem pároco, pois os padres diocesanos eram em número insuficiente para prover as paróquias recém-criadas. Muitos religiosos eram em número insuficiente para promover as paróquias recém-criadas. Muitos religiosos, cheios de ardor apostólico e até mesmo sob pressão do bispo, optaram pelo clero diocesano para permanecerem à frente de umas poucas paróquias. Conseqüentemente, Alenquer esteve por longos anos sem pároco residente e a assistência religiosa era dada por sacerdotes de

Santarém que iam fazer a desobriga em Alenquer. Data dessa época e estada de Pe. João Antonio Fernandes e do Pe. José Nicolino Pereira de Souza, sacerdotes zelosos e dedicados ao “resto” dos índios que ainda viviam na região, notadamente Pe. Nicolino que era descendente de índia.

A ausência dos padres fez crescer a presença dos leigos que tomavam a iniciativa de promoverem as festividades e com esse fim criavam as “irmandades” como a de Santo Antonio e de S. Benedito. Em Alenquer foi saliente e poderosa a “irmandade” como a de Santo Antonio que até ser desativada por Mons. Frederico Costa, em 1905, era a entidade que promovia a festa do Santo padroeiro e tomava conta da matriz, o mesmo acontecia com a de S. Benedito que se destinava a congregar os pretos, mas sempre dirigida por senhores brancos.

Lamentável acontecimento registrou-se em 1881, a 19 de junho, quando depois de celebrar a missa, na igreja matriz, *“incendiou-se o altar mór e todo o retábulo, queimando-se algumas imagens inclusive a se Santo Antonio”*.

A vida religiosa do povo se desenvolvia em torno da celebração da *“trezena de Santo Antonio”*, da festa de S. Benedito e de S. Sebastião. Nem sempre com a presença do padre que era suprida com a participação dos *“tiradores de ladainha”*. O padre aparecia, uma vez por ano, para a sacramentalização, de preferência pela *“trezena de Santo Antonio”*.

Durante o tempo de D. Antonio de Macedo Costa, foram feitas por ele algumas visitas pastorais, com a permanência de dias em Alenquer, daquele zeloso bispo.

No final do século XIX, a paróquia de Alenquer contava com uma população de 2.013 almas, das quais 1980 eram católicas.

Em princípio do século XX, Alenquer recebeu um excelente pároco na pessoa do Pe. Segundo Bruzzo, natural da Itália, que permaneceu na paróquia durante 24 anos, desenvolvendo um trabalho notável.

Pe. Bruzzo, depois elevado a cônego, foi um sacerdote dedicado ao povo, atendendo, com muita solicitude seus paroquianos, usando ora a canoa ora o cavalo para ir aos lugares longínquos da paróquia. Por seu modo de proceder era estimado e respeitado e isto por várias vezes foi comprovado, como no célebre caso do “anarquista” Severino Souza. Pesou sobre o lavrado pernambucano Severino Souza a acusação de querer instalar em Alenquer um “soviet”, em 1920, na zona rural. Contra Severino levantou-se a acusação de insuflar os colonos contra as autoridades constituídas, família e comércio de Alenquer. De Santarém seguiu uma expedição punitiva para prender o “bolchevique”. Não foi fácil a ação policial que resolveu apelar a Pe. Bruzzo. O pároco foi a colônia e convenceu Severino para deixar as colônias de Alenquer. A ação pacificadora do Pe. Segundo Bruzzo reverteu em “êxito brilhante da expedição policial” que foi homenageada pelo “poder público, famílias e comércio de Alenquer” cujo orador da festa foi o Dr. Alfredo Ladislau.

Pe. Segundo Bruzzo conseguia contornar as dificuldades sempre por meio de uma ação conciliatória. Em 1908, feito o novo cemitério de Alenquer, Dom Amando Bahiamann, bispo prelado de Santarém, condicionou a benção do cemitério sob a condição de nesse campo santo só terem sepultura os católicos... O zeloso pároco conseguiu junto ao autoritário prelado a benção sem que se cumprisse a exigência querida por D. Amando.

Em 1905, a paróquia de Alenquer recebeu pela primeira vez, a visita de um Núncio Apostólico, Dom Júlio Conti que foi recebido festivamente.

Com a ereção da Prelazia de Santarém, a paróquia de Alenquer passou a pertencer a nova circunscrição eclesiástica, mas seu pároco, Pe. Segundo continuou à frente da paróquia.

Em 1916, durante a festividade de Santo Antonio, registrou-se algo de novo: a matriz foi iluminada com gás acetileno, durante a festa.

Anos difíceis atravessou a paróquia em 1917 e 1918, com enchentes e muita febre palustre causando muitas mortes. Na cidade, em 1918 faleceram 99 pessoas, número bastante elevado.

Em 1924, o bom pároco Pe. Segundo Bruzzo adoeceu gravemente e teve que ser conduzido para Belém. Na capital, os médicos aconselharam o velho padre a regressar a sua pátria, a Itália o que aconteceu a cinco de junho do referido ano.

Com a saída do Pe. Bruzzo, não tendo padre secular para sucedê-lo, a paróquia de Alenquer voltou às mãos dos franciscanos. Inicialmente Frei Vitor Heinz, de Óbidos, depois Frei Eustáquio Bullerman e Frei Leonardo Forstenberg nomeado pároco por pouco tempo por ter sido transferido para Salvador.

Em 1930, finalmente, a paróquia recebeu seu pároco que iria permanecer por mais de oito anos, Frei Luiz Wando, vindo da Missão entre os Mundurucus da qual foi co-fundador, foi o pároco designado para Alenquer onde permaneceu até 1938 quando voltou a sua Província, no sul do Brasil.

Desde então, imbuídos do mesmo espírito missionário dos que plantaram a semente da Igreja de Alenquer, os franciscanos continuam a dar o melhor de si, em servir o povo de Deus na longa caminhada, na construção do Reino de Alenquer.

- ***João Bento Veiga dos Santos*** – *Nasceu em Santarém no dia 08 de agosto de 1925. Pesquisador emérito, possuía um arquivo contendo documentos preciosos relacionados à história de Santarém. Publicou vários livros. Veio a falecer inesperadamente no dia 25 de fevereiro de 1987, quando estava em preparo o livro: “A História do povo Santareno”, que não chegou a concluir.*

Texto pesquisado por **Roberto Mesquita**.